

A INVESTIGAÇÃO E O ESPETÁCULO NO PROGRAMA CONEXÃO REPÓRTER

The investigation and the spectacle in Conexão Repórter

Nicole Soares¹
Michele Negrini²

Resumo:

Este estudo tem por objetivo analisar os elementos do jornalismo investigativo presentes no programa Conexão Repórter, do SBT, levando em consideração, principalmente, as definições de Leandro Fortes (2005) e de Cleofe Monteiro de Sequeira (2005). Além disso, o presente artigo analisará a presença da espetacularização midiática na construção do programa, com base nos conceitos de Guy Debord (1997) e de João Canavilhas (2001). Para tal, foi realizada uma análise da edição intitulada “Os Senhores da Fome”, que foi ao ar em 31 de maio de 2015, em que o repórter Roberto Cabrini apresentou uma investigação sobre um esquema de fraude em licitações de merenda escolar em uma das regiões mais pobres do país, o estado de Sergipe.

Palavras-chave: Jornalismo investigativo; Conexão Repórter; investigação; espetacularização midiática.

Abstract:

This study has as its objective analyze the investigative journalism elements in Conexão Repórter, of SBT, considering the Leandro Fortes (2005) and Cleofe Monteiro de Sequeira's (2005) definition. In addition, this present article also intends to analyze the presence of media spectacularization in the program's making, using the concepts of Guy Debord (1997) and João Canavilhas (2001). In order to do this, it was realized an analysis on the “Os Senhores da Foma” edition, which aired on May 31, 2015, where the reporter Roberto Cabrini presented an investigation on a fraud scheme in a school lunch bidding in one of the poorest regions of the country, the state of Sergipe.

¹ Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). nicolesoaresv@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). mmnegrini@yahoo.com.br

Keywords: Investigative Journalism; Conexão Repórter; Investigation; Media Spectacularization

Introdução

Há quem diga que todo jornalismo é investigativo, já que é preciso buscar o máximo de informações para produzir a notícia e divulgá-la da forma mais aproximada possível do fato original. Porém, ainda que seja necessária certa investigação para realizar qualquer processo produtivo, o jornalismo investigativo trata-se de uma área muito mais específica e abrangente, que exige do jornalista maior tempo e dedicação na apuração dos fatos. O programa Conexão Repórter, do SBT, é famoso por realizar grandes reportagens investigativas e explorar ao máximo os temas que mais produzem impacto na sociedade. Por esse motivo foi escolhido como objeto de estudo do presente artigo.

A espetacularização da informação também é um fator cada vez mais presente na sociedade, que modifica o sentido original dos fatos e possui um fim comercial. Em outras palavras, o espetáculo criado em torno de situações cotidianas busca vender a notícia e, no caso da televisão, aumentar a audiência a partir de um apelo emocional ao telespectador. Para João Canavilhas (2001), os sentimentos básicos da humanidade são explorados através da espetacularização e o repórter torna-se testemunha da situação, dividindo emoções com os personagens envolvidos. O espetáculo é quase uma história a ser acompanhada pelos telespectadores, semelhante à teledramaturgia. Canavilhas (2001) afirma que “a espetacularização da notícia é consequência do domínio da observação sobre a explicação. A televisão procura prender o espectador, dando prioridade ao insólito, ao excepcional e ao chocante” (CANAVILHAS, 2001, p. 5)

A espetacularização midiática está presente em muitos programas da televisão brasileira e o jornalismo investigativo também vem ganhando espaço no telejornalismo. A presente pesquisa buscará encontrar os limites entre o espetáculo e a investigação no Conexão Repórter, do SBT. Famoso por voltar seu foco para a busca da verdade, o programa é comandado pelo jornalista Roberto Cabrini e trabalha, principalmente, com investigações exclusivas. No ar desde 2010, o programa é um dos mais assistidos do país, segundo dados do Instituto Brasileiro de Opinião

Pública e Estatística (Ibope). O Conexão Repórter também é conhecido por explorar temas sociais que geram polêmica, como abuso sexual de menores, assassinatos, uso e tráfico de drogas, preconceito racial, além de casos específicos de escândalos e violência social.

Buscando entender como se dá o processo de construção da reportagem jornalística na televisão e quais elementos do jornalismo investigativo e da espetacularização midiática estão presentes no Conexão Repórter, este estudo tem como proposta analisar o programa mencionado com base em suas práticas produtivas, de acordo com os elementos que definem o jornalismo investigativo e a espetacularização midiática. Para isso, serão usados os estudos de Leandro Fortes (2005) e Cleofe Monteiro de Sequeira (2005), a fim de tentar entender o conceito de jornalismo investigativo e diferenciá-lo das demais áreas do jornalismo. Para o conceito de espetacularização midiática, serão utilizados os estudos de João Canavilhas (2001) e Guy Debord (1997).

Será analisada a edição intitulada “Os Senhores da Fome”, que foi ao ar no dia 31 de maio de 2015, em que Cabrini apresenta uma investigação de quatro meses sobre fraude nas licitações de merenda escolar na cidade de São Cristóvão, no interior do Sergipe. Para realizar a análise, serão feitas a decupagem da edição escolhida e a transcrição das principais falas, visando observar os elementos do jornalismo investigativo, presentes no conteúdo do programa.

1. O programa Conexão Repórter

O programa jornalístico Conexão Repórter, do SBT, foi escolhido como objeto de estudo desta pesquisa a fim de analisar os seus processos investigativos e de que forma a espetacularização midiática é evidenciada. O Conexão Repórter realiza investigações jornalísticas, fazendo uso de temáticas de cunho social polêmicas, que produzem impacto aos telespectadores e, muitas vezes, beiram a banalização do fato a partir da exploração de imagens e falas, que refletem o sentimento das pessoas envolvidas.

Famoso por trabalhar com a busca de conteúdos exclusivos, o programa Conexão Repórter está no ar desde o ano de 2010, sob o comando do jornalista Roberto Cabrini, e os principais assuntos abordados giram em torno de denúncias de violência, exploração sexual de menores, uso e tráfico de drogas, corrupção, escândalos políticos, dentre outros temas que atingem a população.

Cada edição do programa Conexão Repórter dura, em média, 50 minutos e muitas delas têm características de documentário, o que é afirmado pelo próprio repórter, que também apresenta o programa. A divisão da estrutura é feita em blocos que variam de edição para edição e cada uma delas possui um título específico, visando destacar o que será tratado. Para realizar a investigação são utilizados diversos elementos, de entrevistas exclusivas feitas pelo próprio repórter a o uso de câmeras escondidas para gravar conversas particulares através da infiltração de alguém.

O programa oscila entre mostrar a investigação feita com base nos dados coletados e retratar a forma como as fraudes e denúncias refletem na sociedade. Neste ponto entra a questão da espetacularização midiática, onde a tentativa de retratar a realidade, em determinados casos, pode expor o sentimento das pessoas envolvidas. Na edição “Senhores da Fome”, que foi ao ar no dia 31 de maio de 2015, resultado de quatro meses de investigação, o programa denuncia a fraude em licitações de merenda escolar no interior do Sergipe, mostrando os bastidores do esquema fraudulento e retratando o resultado destas fraudes: a fome de mais de 200 mil crianças em condição de vulnerabilidade social que, não raro, alimentam-se unicamente da merenda escolar.

3. Jornalismo investigativo

Para a definição do conceito de jornalismo investigativo, a presente pesquisa será sustentada, principalmente, pelos estudos de Leandro Fortes (2005). O autor salienta a importância de definir o jornalismo investigativo como uma área específica do jornalismo, que requer maior aprofundamento na apuração dos fatos, maior tempo, dinheiro e dedicação do repórter, que, por sua vez, precisa de talento natural para a investigação. Fortes (2005) destaca que é preciso abandonar a ideia extremamente simplista, porém verdadeira, de que todo jornalismo é investigativo, para poder entender o seu real conceito. Ele também ressalta a diferença dos processos investigativos para as demais rotinas jornalísticas:

O que diferencia o jornalismo investigativo dos demais setores da atividade são as circunstâncias, normalmente mais complexas, dos fatos, sua extensão noticiosa e o tempo de duração que, necessariamente, deve ser maior, embora quase sempre exercido sobre pressão (FORTES, 2005, p. 30).

Para Fortes (2005), uma das grandes dificuldades do jornalismo investigativo, no que tange a utilização dos mais diferentes e inusitados métodos durante a investigação, é justamente a questão ética de uma atividade que, segundo ele, “tende a se misturar com uma atividade muito mais próxima do trabalho policial do que, propriamente, do jornalismo” (FORTES, 2005, p. 17). O autor considera que a investigação requer infiltração, dissimulação e, muitas vezes, situações perigosas que envolvem grandes riscos. Tendo em vista que os procedimentos de investigação fazem uso dos mais diversificados métodos, como câmeras e gravadores escondidos, inúmeras discussões são geradas a respeito da legitimidade do uso destes mecanismos. Fortes (2005) destaca que, nas redações, isto geralmente vai depender do resultado da investigação:

Desse debate constante retiram-se mais dúvidas do que respostas, normalmente porque partem de uma avaliação do resultado, e não da ação em si. A tentação de se descobrir a verdade, ou dela se apropriar como trunfo, pode levar as redações a optarem por todo tipo de meio investigativo, legal ou não, graças à velha máxima de que os fins justificam o meio (FORTES, 2005, p.17).

Os estudos da autora Cleofe Monteiro de Sequeira (2005) também serão utilizados para nortear este artigo e auxiliar na definição dos conceitos de jornalismo investigativo. Sequeira (2005) também destaca o problema com a terminologia quase redundante, salientando que ela ainda não é totalmente aceita nas redações de veículos impressos. Para ela, ainda que toda a prática jornalística pressuponha investigação, é preciso reconhecer o jornalismo investigativo como uma categoria específica, que se diferencia das demais pelo processo de trabalho dos profissionais desta área. Ela conceitua que os métodos utilizados pelo repórter que se dedica à investigação não são convencionais e sequer podem ser imaginados pelos repórteres de redação.

De acordo com Sequeira (2005), ainda que qualquer prática jornalística pressuponha investigação, “há uma categoria que se diferencia das outras – pelo processo de trabalho do profissional e métodos de pesquisa e estratégias operacionais –, definida como jornalismo investigativo” (SEQUEIRA, 2005, p.15). Porém, Sequeira (2005) também considera que, em alguns casos, a

prática jornalística não necessariamente se dá através do uso da investigação, uma vez que muitos textos jornalísticos são enviados às redações através de assessorias de imprensa. Nestes casos, os textos chegam prontos e o único trabalho do veículo é realizar a publicação, logo não há investigação ou apuração de fatos nestes casos isolados.

3.1 O jornalismo investigativo em oito passos

Leandro Fortes (2005) afirma que o jornalismo investigativo passou a ser visto como uma entidade pronta a desvendar e trazer a público os segredos da nação. Fortes (2005) apresenta a teoria do jornalismo investigativo passo a passo. Ele destaca oito etapas que auxiliam na produção da reportagem investigativa e devem ser adotadas pelo jornalista que trabalha com esta área específica. Fortes (2005) salienta que em qualquer processo produtivo o resultado final será fruto da apuração de fatos, independente do veículo de comunicação (rádio, TV, internet ou impresso). Porém, no jornalismo investigativo o processo é diferente devido às circunstâncias, geralmente mais complexas, e às notícias mais extensas, com maior tempo de duração, embora na maioria dos casos a reportagem seja desenvolvida sob pressão.

O primeiro passo descrito por Fortes (2005) é a *pesquisa minuciosa*. O autor destaca a necessidade de dar importância aos menores detalhes da notícia, que muitas vezes passam despercebidos pelos demais repórteres. Para ele, “o olho do repórter investigativo tem que suplantar a pura curiosidade, assumir um quê de detetive mesmo” (FORTES, 2005, p. 30). O autor também salienta que uma boa estratégia é fugir das fontes oficiais e mais óbvias, devendo considerar qualquer hipótese como uma possível fonte e averiguá-la. “O olho do repórter é que vai descobrir por entre qual brecha se pode chegar à notícia” (FORTES, 2005, p. 31).

A segunda etapa destacada pelo autor é a *paciência e concentração*. Segundo Fortes (2005), a boa investigação é demorada e recheada de documentos, dados, estatísticas, legislações e códigos (FORTES, 2005, p. 31) e todos estes elementos devem ser explorados, pois muitas vezes a informação não está somente na fonte ou no documento, mas em uma fusão deles. O terceiro passo descrito pelo autor é a *insistência e perseverança*, considerando que pode-se descobrir o oculto através de informações fragmentadas ou simplesmente por intuição. O autor salienta que

certas coisas “cheiram” a notícia e o repórter investigativo não pode ignorar isto. Fortes (2005) relembra a velha máxima jornalística que se aplica às práticas investigativas: “notícia é tudo aquilo que alguém, em algum lugar, quer manter escondido. O resto é propaganda” (FORTES, 2005, p. 31).

O quarto passo para uma boa reportagem investigativa é a *curiosidade e desconfiança*. Fortes (2005) afirma que quanto mais pesado o assunto, mais curioso e desconfiado deve ser o repórter (FORTES, 2005, p. 33). O autor explica que estes dois conceitos caminham juntos, para ele: “A curiosidade é que leva o homem a olhar um buraco escuro no chão. A desconfiança é o que o impede de meter a mão sem antes pesquisar o que tem dentro” (FORTES, 2005, p. 33). A quinta etapa citada pelo autor é a *discrição*, destacando que o jornalista investigativo deve ser pouco conhecido na sociedade e a sua atuação precisa ser silenciosa, pois este pode ser o segredo para uma reportagem de sucesso.

Como sexto passo para uma boa investigação, Leandro Fortes (2005) destaca a importância de “*checar, checar, checar e checar de novo*” a informação, tantas vezes quantas forem necessárias para que não restem pendências nem questionamentos na investigação. Na sétima etapa, o autor salienta que o repórter investigativo deve *libertar-se dos próprios preconceitos*, deixando de lado seus princípios pessoais, religiosos e ideológicos na hora de realizar a investigação para que a sua opinião não interfira na produção da reportagem. Por último, mas não menos importante, o autor destaca como oitavo passo a *frieza, a objetividade e a precisão*, salientando que o repórter não precisa “atacar” ninguém para realizar uma boa investigação. Para tal, basta que ele descreva os fatos com clareza e objetividade e então o leitor entenderá a mensagem. Não há necessidade de gerar polêmica e ofender pessoas ou instituições que tenham sido investigadas pelo repórter.

4. O conceito de espetacularização midiática

A transformação de uma notícia em espetáculo atrativo ao público é descrita por João Canavilhas (2001) como a realidade posta em cena, por meio da seleção de dramas humanos, dos efeitos visuais, da dramatização e dos métodos utilizados na reportagem. Canavilhas (2001) afirma que, para um noticiário captar grandes audiências, ele precisa apresentar uma realidade completa, globalizada e extremamente natural. Para ele:

A probabilidade de um noticiário captar audiências depende da sua capacidade de oferecer uma realidade completa, global e o mais natural possível. O impacto da informação reside na capacidade de oferecer uma imagem do mundo mais completa do que aquela que o telespectador pode colher directamente no local. Este processo de melhoria da realidade é, só por si, uma espectacularização da informação. (CANAVILHAS, 2001, p.5)

A utilização de imagens que chocam e apelam junto ao emocional do telespectador já era descrita por Guy Debord (1997) como a sociedade do espetáculo. Para Debord (1997), o espetáculo se apresenta de forma grandiosa, como algo que não possui uma linha de chegada e sequer precisa chegar a lugar algum. Ele afirma que, no espetáculo, o que importa é o desenvolvimento, e os seus meios são, ao mesmo tempo, a sua finalidade. O autor também salienta que a principal linha de raciocínio do espetáculo é que “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1997, p.17). Debord (1997) define que:

A sociedade que repousa sobre a indústria moderna não é fortuitamente ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente espetaculista. No espetáculo da imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenvolvimento é tudo. O espetáculo não quer chegar a outra coisa senão a si mesmo (DEBORD, 1997, p. 18).

O presente estudo analisará os limites entre a já mencionada espectacularização da informação e o jornalismo investigativo no contexto das práticas jornalísticas realizadas no programa Conexão Repórter, do SBT.

5. Procedimentos metodológicos

A pesquisa será realizada através da análise de uma edição do programa Conexão Repórter, do SBT, visando observar a forma que a investigação se dá no decorrer da edição, a partir das definições do conceito de jornalismo investigativo com base nos autores Leandro Fortes (2005) e Cleofe Monteiro de Sequeira (2005). Da mesma forma, serão analisadas as marcas da espectacularização midiática, com base nos autores João Canavilhas (2001) e Guy Debord (1997). A coleta de dados será feita com base na análise da edição “Senhores da Fome”, do programa Conexão Repórter, que foi ao ar no dia 31 de maio de 2015, no SBT. A edição está disponível, na

íntegra, no portal do programa, por meio do acesso ao link <http://www.sbt.com.br/conexaoreporter/reportagens/?id=88761>. Na edição escolhida para análise, o repórter Roberto Cabrini apresenta uma investigação realizada por ele durante quatro meses, com o objetivo de levar a público a denúncia de fraude em licitações de merenda escolar no interior do Sergipe.

A edição será analisada a fim de encontrar a presença de elementos do jornalismo investigativo de acordo com os conceitos descritos por Leandro Fortes (2005) e Cleofe Monteiro de Sequeira (2005), bem como as marcas de espetacularização midiática citadas por João Canavilhas (2001) e Guy Debord (1997). A análise será realizada através da observação da edição escolhida, utilizando dados como imagens, transcrição de falas importantes e demais elementos que forem julgados pertinentes.

6. Análise de dados

Para realizar a análise de dados, foi feito um processo de decupagem da edição escolhida do programa, onde foram observados os principais elementos que marcam o jornalismo investigativo e alguns pontos onde a espetacularização midiática é evidenciada. Foram feitas transcrições das principais falas e também a captura de imagens julgadas pertinentes. Ademais, a análise apontará como se deu a investigação jornalística na edição escolhida, buscando reconhecer neste procedimento os passos citados por Leandro Fortes (2005), que caracterizam uma boa investigação. Da mesma forma, o estudo apresentará elementos que evidenciem a presença da espetacularização midiática no programa, com base nos autores João Canavilhas (2001) e Guy Debord (1997).

O primeiro passo para uma boa investigação, segundo Leandro Fortes (2005), é a realização de uma *pesquisa minuciosa*. De acordo com o autor, “o olho do repórter investigativo tem que suplantar a pura curiosidade, assumir um quê de detetive mesmo. Uma dica importante, nesses casos, é fugir das fontes oficiais e óbvias” (FORTES, 2005, p. 30). Na edição “Os Senhores da Fome”, o Conexão Repórter realizou uma *pesquisa minuciosa* para investigar um esquema de fraude em licitações de merenda escolar na cidade de São Cristóvão no interior do Sergipe, uma das regiões mais pobres do país.

Conforme a pesquisa realizada pelo programa, o esquema fraudulento era comandado por empresários, que se aliavam a políticos para fraudar as licitações, superfaturando valores de alimentos e pagando para que outros empresários aumentassem seus preços e, conseqüentemente, perdessem a licitação. O desafio do programa, de acordo com Cabrini, é documentar e trazer a público o passo a passo da chamada “Indústria da Fome”, além de apresentar de que forma o esquema fraudulento reflete na sociedade. Porém, buscando retratar a situação de maneira realista, a reportagem utiliza-se de diversos recursos citados por João Canavilhas (2001), tais como dramatização, seleção de dramas humanos, efeitos visuais e a própria exploração dos sentimentos das pessoas envolvidas, através de entrevistas. Dependendo de como estes elementos aparecem na reportagem, eles podem representar indícios de espetáculo que, de acordo com Guy Debord (1997), é a produção principal da sociedade moderna.

Na tentativa de mostrar que o esquema realmente atinge milhares de famílias, o programa utiliza imagens chocantes que demonstram o sentimento das pessoas envolvidas. Durante a visita a uma família, são registradas imagens de panelas vazias e a emoção da dona do lar é externada através de lágrimas. Da mesma forma, também é apresentada a cena em que uma criança chora pela falta do alimento. Para Canavilhas (2001), durante esta seleção de dramas humanos “procura-se explorar os sentimentos mais básicos da pessoa, pondo em destaque casos de insatisfação das necessidades básicas [...] nomeadamente as necessidades fisiológicas e a segurança” (CANAVILHAS, 2001, p.5). Estas imagens foram utilizadas de forma chocante e apelativa, conforme demonstra a figura abaixo:



Figura 1 – Dona de casa lamenta a falta de alimentos para oferecer à família.

Para sustentar a investigação, Roberto Cabrini alia-se a um empresário que diz não concordar com o esquema de fraude: Célio França, proprietário da empresa Fênix Alimentos. O empresário aceita auxiliar na investigação, infiltrando-se em conversas secretas portando uma câmera escondida para registrar as negociações. Um jornalista da produção do programa também se infiltra nas reuniões, passando-se por um membro da família de Célio. Em paralelo às reuniões que Célio participa e registra, Cabrini aborda os principais acusados. Através de uma abordagem surpresa, ele interpela o empresário apontado como chefe do esquema, Everaldo da Silva Gama, proprietário da empresa Gama Distribuidora.

Segundo Fortes (2005), o repórter investigativo precisa ter *insistência e perseverança* para atingir seus objetivos. O autor salienta que algumas coisas “cheiram” a notícia, “sobretudo as que são deliberadamente ocultadas por autoridades públicas” (FORTES, 2005, p. 31). Cabrini aborda o empresário enquanto ele saía de sua casa e o questiona sobre a existência de fraude nas licitações, sem obter resposta alguma. O empresário prefere não se manifestar e ignora o repórter, entrando em seu carro sem responder a qualquer questionamento de Cabrini. O registro deste encontro é feito através de câmeras escondidas no carro da equipe do Conexão Repórter, conforme a imagem abaixo:



Figura 2 – Roberto Cabrini aborda o empresário apontado como chefe do esquema.

Buscando constatar a escassez de merenda escolar, Cabrini visita a Escola Estadual Capitão Manoel Batista Santos para entrevistar alunos, professores e merendeiras. O repórter demonstra sua *curiosidade e desconfiança* conversando com algumas crianças, a fim de descobrir a situação de cada uma delas. Segundo Fortes (2005), para realizar uma boa investigação, o repórter precisa de *curiosidade e desconfiança*, este é mais um passo enumerado pelo autor. Fortes (2005) destaca que “quanto mais pesado o assunto, mais curioso e desconfiado deve ser o repórter” (FORTES, 2005, p. 33).

Ainda que o repórter esteja realizando sua investigação de acordo com os passos citados por Fortes (2005), as perguntas que Cabrini faz às crianças também podem auxiliar na criação de um espetáculo, tendo em vista que a formulação da pergunta, muitas vezes, induz a uma resposta esperada. Na hora do lanche, o repórter faz a seguinte pergunta aos alunos: “Quem está com fome aqui?”, e todos respondem positivamente. Da mesma forma, ele questiona individualmente cada aluno, buscando descobrir se algum deles alimentou-se antes de chegar à escola. Considerando que o repórter estava ciente da situação socioeconômica das crianças, a formulação de perguntas deste tipo é desnecessária e pode soar um tanto humilhante. Para João Canavilhas (2001), a tentativa de apresentar uma realidade completa pode ser considerada como o próprio espetáculo:

A probabilidade de um noticiário captar audiências depende da sua capacidade de oferecer uma realidade completa, global e o mais natural possível. O impacto da informação reside na capacidade de oferecer uma imagem do

mundo mais completa do que aquela que o telespectador pode colher directamente no local. Este processo de melhoria da realidade é, só por si, uma espectacularização da informação (CANAVILHAS, 2001, p. 5).

Ao conversar com a merendeira Elza Ribeiro, no momento em que ela prepara a comida para os alunos, Cabrini descobre que, naquele dia, as crianças receberão apenas leite e alguns biscoitos como refeição, conforme a seguinte imagem:



Figura 3 – *Cabrini descobre que as crianças receberão apenas leite e alguns biscoitos como refeição.*

O repórter também percebe a animação dos alunos quando é chegada a hora da merenda, observando que as crianças cantam e comemoram o pouco alimento que recebem, sem saber que têm direito a muito mais. Esta imagem pode remeter à dramatização que, segundo Canavilhas (2001) trata-se da combinação do “uso dos gestos, do rosto e da expressão verbal (volume, tom e ritmo de voz) para emocionar ou sublinhar as imagens que desfilam no pequeno ecrã” (CANAVILHAS. 2001, p.5). A imagem onde os alunos comemoram o alimento que lhes será servido constitui a espectacularização da informação, considerando que choca e apela junto ao emocional do telespectador, já que há um contraste entre a escassez do alimento e a emoção das crianças, conforme mostra a figura a seguir:



Figura 4 – Crianças cantam em comemoração ao alimento que irão receber.

A fim de explicar aos telespectadores como funciona o passo a passo do esquema fraudulento, o programa Conexão Repórter apresenta uma simulação retratando os principais acontecimentos. Conforme é apresentado na simulação, primeiramente a licitação é aberta, então os empresários interessados em concorrer entregam à prefeitura um documento com os seus preços apontados. Enquanto isso, os outros empresários, membros da quadrilha, são avisados. Após isso ocorre o chamado “pregão”, onde todos os interessados se reúnem para apresentar suas propostas. É neste momento que a quadrilha entra em ação, abordando os demais empresários que não participam do esquema e oferecendo-lhes propina para que aumentem seus preços e, conseqüentemente, percam a licitação.

O uso de simulações é uma forma de retratar a realidade que pode remeter aos conceitos de Debord (1997). O autor considera o espetáculo como algo que inverte o real, fazendo com que a realidade vivida seja contemplada pelo espetáculo. Em outras palavras, ele salienta que a realidade imposta pelo espetáculo é, por si só, mais realista que a própria realidade. Na ânsia de vender a informação, muitas vezes a realidade é alterada através de simulações, tornando-se mais realista que o normal. A tentativa de apresentar melhorias na realidade pode ser considerada como o próprio espetáculo. Para Debord (1997), “a realidade objetiva está presente nos dois lados. O alvo é passar para o lado oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo no real” (DEBORD, 1997, p. 16).

O passo a passo do esquema é confirmado através das conversas gravadas pelo empresário Célio, que participa de diversas reuniões portando uma câmera escondida. É importante ressaltar que Roberto Cabrini prefere infiltrar um empresário nas reuniões a expor sua imagem ou de algum repórter conhecido, primando pela *discrição* durante a investigação. Para Fortes (2005), a *discrição* do repórter investigativo é um ponto muito importante, apontado pelo autor como quinto passo para uma boa investigação.

Antes mesmo das empresas vencedoras da licitação serem divulgadas, os empresários já sabem quais são, o que é confirmado em seguida pela investigação. Célio aceita receber propina para que sua empresa perca a licitação e todas as imagens dos encontros são registradas. O empresário que entrega o dinheiro a Célio e acerta com ele todos os detalhes é José Valdemir dos Santos, dono de uma das empresas vencedoras da licitação: a Jamac Indústria e Comércio. Na imagem abaixo, Valdemir aparece combinando com Célio de que forma a propina seria paga:

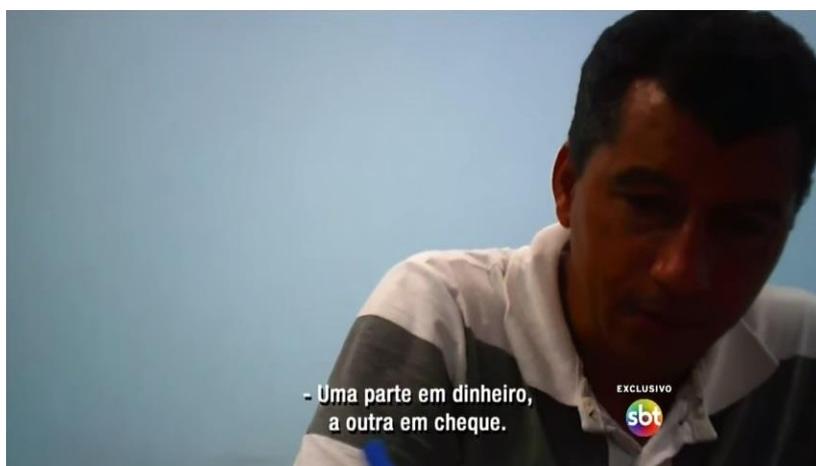


Figura 5 – O empresário Valdenir combina com Célio a forma de pagamento da propina.

Em resumo, após realizar a coleta de dados e reunir provas por meio das imagens de câmera escondida e dos documentos, Roberto Cabrini confronta os principais acusados pelo esquema de fraude nas licitações de merenda escolar, mas o faz de forma pacífica, sem ofendê-los ou desrespeitá-los. Neste ponto, é importante ressaltar o último passo para uma boa investigação, descrito por Leandro Fortes (2005) como *frieza, objetividade e precisão*.

O autor considera que personalidades corruptas geralmente são fontes de investigação e destaca um ponto importante para quando o repórter pretende abordá-los: “o segredo para desmascará-los não está em partir para cima deles como cão raivoso. É tratá-los, na medida do possível, com respeito” (FORTES, 2005, p. 36). Durante o confronto, o repórter faz parecer que sua intenção é realizar uma reportagem sobre distribuição de alimentos. Os acusados são pegos de surpresa quando Cabrini menciona a existência de esquemas fraudulentos e negam qualquer tipo de envolvimento em procedimentos desonestos nas licitações.

No final da reportagem, Cabrini leva as provas coletadas ao Ministério Público e conversa com a Procuradora da República do estado de Sergipe, Eunice Dantas, que salienta a importância da realização de investigações como estas. Para ela, o papel do jornalismo investigativo é fundamental para ajudar a desmascarar as quadrilhas que existem no Brasil, que roubam dos cofres públicos e prejudicam a população. No caso desta investigação, o resultado do esquema fraudulento é a fome de mais de 200 mil crianças, de acordo com os dados estimados pelo programa.

7. Conclusões

Com base nas análises da edição “Os Senhores da Fome”, do programa Conexão Repórter, que foi ao ar no dia 31 de maio de 2015, foi possível observar a utilização de diversos elementos do jornalismo investigativo e algumas marcas da espetacularização midiática. O programa Conexão Repórter usa diversos elementos citados por Leandro Fortes (2005) e Cleofe Monteiro de Sequeira (2005), da realização de entrevistas exclusivas ao uso de câmeras escondidas, por meio da infiltração de alguém. Quando necessário, o programa também trabalha com a gravação de conversas telefônicas, e, em determinadas situações, a produção segue suspeitos e registra imagens com câmeras escondidas.

Embora a investigação realizada pelo Conexão Repórter seja legítima e traga retornos à sociedade, também é possível concluir que o programa possui fortes evidências de espetacularização midiática, utilizadas em uma tentativa de retratar a realidade. O programa faz uso de diversos elementos citados por Canavilhas (2001), como dramatizações, seleção de dramas humanos,

exploração dos sentimentos, entre outras marcas da espetacularização que poderão ser aprofundadas em estudos futuros.

Ainda assim, Canavilhas (2001) destaca que a natureza da televisão brasileira é espetacular, salientando que cada elemento necessita ser estudado individualmente “embora alguns se expliquem por si próprios. O elemento *selecção de dramas humanos*, por exemplo, pertence à própria essência do meio. A procura do espetacular está ligada à própria natureza da televisão” (CANAVILHAS, 2001, p.5).

Por fim, cabe salientar que existem muitos outros elementos a serem analisados no programa Conexão Repórter. Neste artigo foi realizada uma análise entre os parâmetros de jornalismo investigativo e espetacularização midiática, sem levar em consideração a questão da ética jornalística, por exemplo. É pertinente a realização de um estudo futuro, que não aborde somente os limites entre a investigação e o espetáculo no programa, mas também as questões éticas no que tange a utilização de imagens sem o conhecimento dos investigados, entre outros assuntos a serem abordados.

Referências bibliográficas

CANAVILHAS, João. **Televisão: o domínio da informação-espetáculo**. In: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 15 de junho de 2015.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FORTES, Leandro Boavista. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia**. Summus Editorial: São Paulo, 2005